



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe
Bogotá-Colômbia, 19 de julho de 2008

Jornalista: Presidente Lula, precisamente um dos temas mais importantes foi a integração sul-americana. Que passos vêm a seguir, já que a Colômbia (inaudível) relações diplomáticas com a Venezuela e que (inaudível) por parte do Brasil para (inaudível) superar os problemas que existem com o Equador, para que realmente haja uma harmonia na região?

Presidente: O presidente da República de um país só pode falar em nome de outro se tiver autorização para fazê-lo, para falar algo. Mas como companheiro que sou do presidente Uribe, do presidente Chávez, do presidente Rafael Correa, do presidente Evo Morales, eu estou 24 horas por dia à disposição para contribuir para a paz na nossa querida América do Sul.

Vocês estão lembrados que, quando houve aquele golpe na Venezuela, que a Venezuela vivia um momento difícil, nós constituímos um grupo de amigos e, graças a Deus, conseguimos contribuir para a estabilidade política na Venezuela.

Já conversei com o presidente Uribe várias vezes, já conversei com o Rafael Correa e conversei com todos quantos possa conversar para que as pessoas compreendam que só há possibilidade de desenvolvermos os nossos países e garantirmos que nosso povo tenha emprego e bem-estar social se nós estivermos em paz e em harmonia em nosso continente.

A participação da Colômbia na Unasul é extraordinária, a participação da Colômbia no Conselho de Defesa Sul-Americano é necessária, e a participação da Comunidade Andina, em conjunto com o Mercosul, é uma demonstração de que todos nós estamos compreendendo que juntos seremos muito mais



soberanos, economicamente muito mais desenvolvidos e socialmente muito mais justos para nossos povos.

Jornalista: Presidente, primeiro eu quero pedir desculpas. Sei que o senhor não gosta de comentar assuntos internos em viagem ao exterior, mas como esse é um tema que está em todos os meios, é quase uma imposição. Gostaria que o senhor comentasse a situação da Polícia Federal, do delegado Protógenes. Primeiro se tentou provar que ele não queria deixar o caso e aí, hoje, o Ministério Público disse que foi afastado. O senhor mesmo pediu para ele ficar. Gostaria que o senhor comentasse sobre isso.

Presidente: Por que não posso comentar? Porque eu não indico ninguém para entrar na Polícia Federal e não posso indicar ninguém. É um problema de organização da Polícia Federal.

Jornalista: Sabemos o respeito, presidente Lula, que o senhor tem pela soberania dos demais países. Mas queria saber qual a sua opinião sobre um país como a Nicarágua, que sem autorização da Colômbia, convidou as Farc ao seu país (inaudível) ou precisa dialogar com eles sobre a paz da Colômbia. Em segundo lugar, presidente Lula, queria saber como lhe pareceu o café e a cachaça colombiana – etanol.

Presidente: Primeiro, a aguardente daqui não chega a ser uma aguardente, porque uma aguardente tem próximo de 50 graus de álcool, e aqui tem apenas 29% (inaudível). E o café é de boa qualidade.

Bem, eu não sei qual é a razão pela qual a Nicarágua convidou as Farc. Não sei e não poderia falar de um assunto que eu desconheço. A única coisa que posso afirmar é do procedimento do Brasil com relação à Colômbia e em relação às Farc. Nesses seis anos de amizade que tenho com o presidente



Uribe, nesses seis anos de relação com a Colômbia eu tenho dito, em todos os lugares, que o Brasil só moverá um dedo para fazer qualquer coisa se houver concordância da Colômbia. Se não, não vamos opinar. Não fazemos incursões, não temos relações enquanto a Colômbia não disser que o Brasil pode ajudá-la.

De qualquer forma, estou muito feliz com a libertação de uma parte dos reféns. Acho que foi uma conquista extraordinária dos direitos humanos, da cidadania, e eu espero que a liberdade da Ingrid Betancourt e de seus companheiros possa servir de estímulo para que não se tenha mais nenhum refém aqui na Colômbia e que todos sejam homens livres. As pessoas precisam compreender que a forma mais fácil de chegar ao poder é disputar eleições, como eu, que perdi três vezes até virar presidente da República do meu país, como o Evo Morales que chegou à Presidência da Bolívia. Então, eu penso que as pessoas vão compreendendo que o exercício da democracia é o elemento mais forte da civilização moderna.

Jornalista: Boa tarde, senhor presidente Lula, senhor presidente Uribe. Queria saber (inaudível) concretamente um acordo de cooperação em matéria de segurança entre os dois países. A pergunta (inaudível – em espanhol). Queria saber se, concretamente, vai consistir em (inaudível) dos dois países operações conjuntas na luta contra o narcotráfico, o terrorismo e o tráfico de armas. (inaudível) cooperação em matéria de segurança, o governo do Brasil vai enviar armamento e equipamento para a Colômbia para nossa segurança interna e para a segurança na fronteira. (inaudível)

Presidente: Podemos pedir aos ministros para falarem. Eu queria dizer uma coisa, Uribe, nossa relação, no campo da defesa, com a Colômbia... Uma coisa é o Conselho de Defesa, o Conselho de Segurança que vai se reunir, e todas as decisões serão por consenso, vão constituir seu estatuto, seu regulamento.



Isso foge a mim e ao presidente Uribe (inaudível). São os ministros da Defesa que vão se reunir. Depois os dois poderiam falar um pouco aqui sobre isso.

A segunda coisa é que o Brasil não quer apenas ser um vendedor de armamentos de defesa para a Colômbia, queremos produzir conjuntamente as coisas. O Brasil deseja construir fábricas para produzir material de defesa em parceria com os companheiros da América do Sul, e a Colômbia é um país que tem desejo e potencial. Em um dos protocolos que firmamos está previsto que poderemos construir coisas juntos. Portanto, o que desejamos é parceria, não é apenas mercado, mas ser sócios para produzir e vender juntos.

Se os dois ministros quiserem depois vir aqui e comentar...

Uma coisa importante que eu queria dizer-lhes antes de ir, é sobre infraestrutura. O Brasil vai financiar integralmente a participação das empresas brasileiras na construção de ferrovia para transportar carvão de alta qualidade. O presidente Uribe recebeu hoje uma carta da Companhia Vale do Rio Doce, brasileira, comunicando que não vinha aqui hoje, mas que o presidente da Companhia tem interesse em fazer grandes investimentos aqui na Colômbia. Miguel Jorge, você, como ministro da Indústria e Comércio Exterior, por favor, quando voltar ao Brasil convoque o Roger Agnelli, presidente da Vale do Rio Doce, para que (inaudível) aqui na Colômbia.

E nós vamos trabalhar para que as empresas que já estão investindo aqui aumentem seu capital, inclusive porque daqui essas empresas podem investir e exportar para o Brasil. Acho que esse é um passo extremamente importante, e acho que essa ferrovia é um passo. Na indústria naval, o Brasil está desenvolvendo uma forte indústria naval, nós precisamos construir muitos navios nos próximos seis anos, navios de pequeno, médio e grande porte. Ficamos sabendo que a Colômbia está desenvolvendo uma proa e uma indústria para construção de barcos aqui também, para transitar pelos rios amazônicos. Aí, junta uma parceria extraordinária para que o Brasil possa construir barcos, estaleiros (inaudível), (inaudível) aqui. Depende agora dos



nossos empresários, e de Uribe e eu.

Tem uma pergunta que fizeram para os dois (inaudível). Mas é uma pergunta, Uribe, que você tem que responder primeiro, que é a questão do terceiro mandato.

Agora eu sou obrigado a falar. É sempre muito delicado tocar num assunto de outro país sem levar em conta a cultura política do país. Obviamente que só posso falar em nome do Brasil, não posso falar nada que tenha a ver com a Colômbia, com a Venezuela, com a Bolívia, com o Equador, com o Chile, com a Argentina. Essa é uma posição eminentemente de um político brasileiro, e no Brasil não há hipótese de um terceiro mandato.

(\$31FGJLMQ)